

UNEMAT Editora

Editor: Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisor: UNEMAT Editora

Diagramação: Ricelli Justino dos Reis

Capa: Ricelli Justino dos Reis

Unemat Editora

Online - 2014

Revista História e Diversidade/Expediente:

Coordenadores /Organizadores: Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

Renilson Rosa Ribeiro

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 5, nº. 2, (2014), 239 p.

Modo de acesso:<<http://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural.

CDU 94+304.4 (05)

Ficha Catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar/CRB1 2037

Os conceitos, as informações e as afirmações contidas em cada capítulo são de inteira responsabilidade do(s) autor (es) que assina (m) o texto.

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavanhada -

Cáceres - MT - Brasil - 78200000

Fone/Fax 65 3221-0000 - www.unemat.br -

editora@unemat.br

Revista



Dossiê: Ensino de História e História da Educação: caminhos de pesquisa (Parte 2)

A GUERRA DO PARAGUAI NAS EDIÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO HISTÓRIA DO BRASIL, DE NELSON PILETTI¹

André Mendes Salles
Doutorando em educação UFPE
andremendes.s@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo foi analisado o livro didático *História do Brasil*, do autor Nelson Piletti, em três diferentes edições: 1987 (6ª edição), 1992 (13ª edição) e 1999 (20ª edição), no que se refere especificamente a Guerra do Paraguai, com enfoque especial às causas do conflito. Contudo, foram observados também alguns aspectos relacionados à materialidade do livro nas diferentes edições, além de ter sido realizada uma entrevista ao autor através de e-mail como forma de elucidar algumas questões relativas a sua autoria e trajetória acadêmica. O objetivo primordial foi perceber se, com o passar do tempo e as novas discussões historiográficas em torno do conflito, o autor foi incorporando ou não essas discussões na construção das novas edições.

PALAVRAS-CHAVE: Livros Didáticos – Ensino de História – Historiografia da Guerra do Paraguai.

ABSTRACT: This article analyzed the textbook *History of Brazil*, by Nelson Piletti, in three different editions: 1987 (6st Edition), 1992 (13th Edition) and 1999 (20th Edition), as regards specifically the war of Paraguay, with special focus on the causes of conflict. However, were observed also some aspects related to the materiality of the book in different editions, In addition to having been held an interview with the author through email as a means of elucidating some questions about its authorship and academic career. The primary objective was realized, with the passage of time and the new historiographical discussions around the conflict, the author were incorporating or not these discussions in the construction of new editions.

KEYWORDS: Textbooks – History teaching – Paraguay war historiography.

O presente artigo analisa a obra didática do professor Nelson Piletti, intitulada *História do Brasil*, em três diferentes edições¹, no que se refere especificamente a Guerra do Paraguai, com enfoque especial às causas do conflito. Contudo, é importante indicar que foram observados também alguns aspectos relacionados à materialidade do livro nas diferentes edições². O objetivo primordial deste artigo é perceber se, com o passar do tempo e as novas discussões historiográficas em torno do conflito, o autor foi incorporando ou não essas discussões na construção das novas edições de sua obra didática. Não obstante, antes de começarmos a análise das edições do livro didático selecionado para pesquisa cabe falarmos um pouco da trajetória desse autor enquanto

1 PILETTI, Nelson. *História do Brasil*. São Paulo: Ática, 1987 (6ª edição). _____. *História do Brasil*. São Paulo: Ática, 1992 (13ª edição). _____. *História do Brasil*. São Paulo: Ática, 1999 (20ª edição).

2 Foi realizada uma entrevista ao autor em 2011 através de e-mail. Neste sentido cabe mencionar que não fizemos nenhum tipo de intervenção/modificação nas respostas do autor, as utilizando da forma em que foram depositadas.

professor/pesquisador e autor de livros escolares.

O professor Piletti exerceu sua profissão docente na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) entre 1974 e 2002, ano em que se aposentou. Atuou como professor do Programa de Pós-Graduação em Educação desta mesma Instituição, lecionando disciplinas relacionadas, sobretudo, à História da Educação. Sua formação acadêmica inicial se deu nos cursos de Filosofia, Jornalismo e Pedagogia. A primeira delas foi realizada na Universidade de Caxias do Sul, obtida em 1968, a segunda pela USP em 1974 e a terceira pela Faculdades Integradas de Guarulhos em 1980.

Na FEUSP, o professor Piletti realizou o Mestrado e o Doutorado em Educação, ambos orientados por Maria de Lourdes Mariotto Haidar, conhecida pesquisadora da História da Educação. O primeiro, defendido em 1979, intitulava-se *A Reforma Fernando de Azevedo: Distrito Federal, 1927-1930*, o segundo, cuja defesa se deu em 1983, intitulou-se *A profissionalização compulsória no ensino de segundo grau*. Em 1989, com o trabalho *Ensino de segundo grau: a difícil democratização*, obteve o título de Livre-Docência.

Ao que concerne à produção bibliográfica e atividades acadêmicas, o professor Piletti, segundo informações do currículo Lattes, cuja última atualização se deu em 04/05/2004, possuía 10 artigos publicados em periódicos nacionais, 25 livros publicados/organizados ou edições, 4 capítulos de livros, 13 textos em jornais de notícias/revistas, 42 apresentações de trabalhos na categoria palestra, além de ter orientado 9 dissertações de Mestrado e 7 teses de Doutorado.

Apesar de ter três graduações, o professor Piletti não teve a História como área de sua formação, apesar disso não o ter impedido de produzir manuais dessa disciplina escolar. Assim, ao falar da falta de graduação em História e sua atuação frente às elaborações de textos escolares dessa disciplina, afirma:

Realmente, de modo especial no que diz respeito às questões historiográficas, tive que fazer um grande esforço para suprir a falta de graduação em História. Quanto a isso, a graduação em Filosofia foi de grande valia, especialmente no que diz respeito à organização e à construção de um texto lógico e coerente. Por outro lado, a falta de graduação em História talvez tenha me ajudado a elaborar livros menos academicistas e mais acessíveis à média dos alunos (PILETTI. Entrevista concedida pelo autor em 18 de fevereiro de 2011).

Assim, mesmo reconhecendo certas dificuldades oriundas da falta de graduação em História, o professor Piletti ressalta alguns pontos que considera positivos e que o diferenciam de outros autores/historiadores, como, por exemplo, um texto mais acessível aos alunos e menos academicista. Contudo, a atividade de autor de textos escolares de História é uma área bastante específica, em que são mobilizados conhecimentos e competências peculiares da ciência histórica, e que, portanto, exige, no mínimo, uma formação correspondente.

Ressaltamos, entretanto, que neste caso particular, o autor, apesar de não ter a graduação na área de formação em que atua como escritor de livros escolares, trabalhou durante toda sua vida acadêmica no campo disciplinar da História da Educação, estando em contato, portanto, com questões ligadas à historiografia e à produção do conhecimento histórico. Seus trabalhos de Mestrado, Doutorado e Livre-Docência em Educação, inclusive, foram desenvolvidos no campo da História da Educação.

Ao dissertar sobre seu itinerário profissional, diz Piletti:

O itinerário profissional foi um pouco tumultuado em seu início, por conta do engajamento em movimento estudantil e político que acarretou o impedimento do exercício do magistério, tendo sido bancário por algum tempo. Transferindo-me para São Paulo pude voltar a lecionar. Entre o jornalismo e o magistério, acabei ficando com o segundo, tendo sido professor de história do ginásio e, após a reforma de 1971, do primeiro grau, da rede particular do Rio Grande do Sul, das redes pública e particular de São Paulo, e professor de diversas matérias da área de educação em faculdades particulares de São Paulo, tendo finalmente sido professor na Faculdade de educação da USP entre 1974 e 2002 (PILETTI. Entrevista concedida pelo autor em 18 de fevereiro de 2011).

Em 1968, segundo consta no seu Currículo Lattes, Piletti já atuava como professor de História do Ensino Básico, no Colégio Nossa Senhora Aparecida. Contudo, como relatado, nos difíceis tempos da ditadura militar, o professor Piletti, de 1969 a 1970, trabalhou no Banco do Brasil como escriturário, devido ao impedimento que sofreu de desenvolver o magistério. Em 1972, voltou a lecionar História para o Ensino Básico, na Escola Estadual Padre Conrado Sivila Alsina, atividade esta que se estendeu até 1979³. Neste particular, voltamos à seguinte problemática: a atuação no magistério em disciplinas de História sem, contudo, apresentar formação específica na área.

Desta forma, o autor teve experiências/vivências nas salas de aulas para as quais seus livros posteriormente se destinaram. É nesse sentido que, ao falar sobre o início de sua atividade como autor de livros escolares, indissociavelmente ligada à sua atividade docente em escolas do Ensino Básico, diz:

O meu trabalho como autor de livros didáticos de História começou em decorrência da minha atividade como professor de História em escolas da periferia de Guarulhos, São Paulo, na década de 1970. Percebendo o hermetismo, esquematismo e o dogmatismo de que padeciam os livros de História então existentes, propus-me a elaborar livros que despertassem o interesse dos alunos, fossem a eles acessíveis e os estimulassem a se engajar na transformação da realidade a partir das discussões propostas nos textos (PILETTI. Entrevista concedida pelo autor em 18 de fevereiro de 2011).

3 No Currículo Lattes do professor Piletti não consta o(s) Estado(s) nos quais estão localizados os dois colégios citados em que lecionou.

A partir de então, percebemos, no depoimento do professor, a preocupação, enquanto docente do Ensino Básico e depois como autor de livros escolares, em se produzir manuais que fugissem àqueles já existentes no mercado, segundo ele: *herméticos, esquemáticos e dogmáticos*. Um anseio premente de Piletti é que seus livros, além de fugir às essas características acima mencionadas, tivessem também uma função prática: a transformação da realidade.

Dissertando um pouco sobre o histórico de sua produção didática, Piletti diz:

O primeiro livro que apresentei à editora – Estudos Sociais, matéria existente em meados dos anos 70 – não foi aceito pela editora. No final da mesma década, elaborei, juntamente com meu irmão Claudino, dois volumes de Educação para o Trabalho para a 7a. E a 8a. Séries, encomendados e publicados pela Ática. Em seguida, no início dos anos 80, pude concretizar o meu sonho: o livro História do Brasil para o ensino de 2o. Grau, atual ensino médio. Posteriormente, em co-autoria com o meu irmão Claudino, produzi História e Vida, 5a. A 8a. Série, e, anos depois, também publicado na versão integrada. Ao mesmo tempo, ainda nos anos 80, produzimos a série “Educação”, com vários volumes destinados ao magistério em nível médio: História da educação, História da Educação no Brasil, Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental, Estrutura e Funcionamento do Ensino Médio, Psicologia Educacional, Sociologia da Educação, Didática... (PILETTI. Entrevista concedida pelo autor em 18 de fevereiro de 2011).

Como exposto, Piletti não escreveu somente manuais para o Ensino Básico, atuando também como autor de vários manuais de magistério em nível médio, mas que também foram e são utilizados em cursos de graduação em Pedagogia em diversas universidades.

Ao falar o porquê da obra *História do Brasil* teve sua última edição em 1999, o autor afirma:

Ocorre que a editora entendeu ser melhor, em termos pedagógicos e mercadológicos, integrar o conteúdo de história do Brasil ao de história geral, para tanto reunindo os livros de História Geral do José Jobson Arruda com o meu de História do Brasil, operação que resultou na obra *Toda a História*, publicada a partir de meados da década de 1990. A partir de então História do Brasil foi condenado ao ostracismo. Quem sabe, no futuro, uma nova edição venha à luz! (PILETTI. Entrevista concedida pelo autor em 18 de fevereiro de 2011).

O livro *História do Brasil*, de Nelson Piletti, chegou à sua 20ª edição no ano de 1999, o que demonstra, em parte, o sucesso editorial da obra. Então, devido a questões ligadas a políticas curriculares nacionais e interesses de mercado, os livros de História do Brasil foram cada vez mais perdendo espaço dentre as produções de História

Integrada na década de 1990. Assim, o sucesso editorial dos livros didáticos de Piletti e Jobson, unidos a nova perspectiva então em voga da História Integrada, fez a Ática lançar, em meados de 1990, *Toda a História*, livro que incorporava textos dos livros didáticos desses dois autores.

Análise das edições de história do brasil, de nelson piletti

As análises que se seguem do livro *História do Brasil*, do professor Nelson Piletti, são referentes às edições de 1987 (6ª edição), 1992 (13ª edição) e 1999 (20ª edição).



A 6ª (1987) e a 13ª (1992) edição contêm, basicamente, a mesma estrutura: formato de 20x28cm, apresentação de textos ao final de cada capítulo para análise/discussão, questões e sugestões de atividades, além de Glossário e Indicação Bibliográfica ao final do livro. As questões de vestibular, evidenciadas na edição de 1987, não são tratadas na 13ª edição.



A diferença básica entre essas duas edições (1987 e 1992), percebida à primeira vista, é a capa dos livros. Na primeira (1987), consta uma foto de Getúlio Vargas seguido por militares brasileiros, passando a impressão da velha História presidencial, dos grandes homens e personalidades. Já na segunda (1992), tem-se um velho senhor com características físicas indígenas, tocando um instrumento de madeira. Tal perspectiva é totalmente diversa da anterior, passando a impressão de que a História se desenrola nos mais variados lugares, cujos atores não são, necessariamente, grandes personalidades. Talvez esta segunda capa tenha sido posta, propositadamente, para contrapor-se a de 1987.

A capa de um livro de História – didático ou não –, ou sua materialidade de uma maneira geral, pode dar indícios da própria concepção do autor acerca da História. Precisamos destacar, contudo, que o fato da capa de um livro trazer implícita ou explicitamente tal ou qual visão ou concepção não significa, necessariamente, que ela se concretize ao decorrer do livro, ou mesmo em todo o livro, apesar de já ser um importante/interessante indício⁴.

O formato da edição de 1999, diferentemente das outras duas (1987 e 1992), é de 17x24 cm. Na capa dessa edição (1999), tanto na frente como no verso, há a apresentação de diversos eventos (políticos, econômicos, sociais e artístico-culturais) em diversos períodos da História do Brasil.

4 Evidentemente, na maioria das vezes, não é o autor quem realiza a elaboração da capa. Esta é feita por um profissional gráfico contratado pela editora. É difícil, porém, que este profissional haja autonomamente, sem consonância com os/as autores(as) ou mesmo editores(as). Acreditamos que este trabalho se dê de maneira conjunta.



As três edições analisadas (6ª, 13ª, 20ª) têm como editor João Guizzo. O planejamento gráfico-visual e a pesquisa iconográfica nas duas primeiras edições analisadas são realizados pelos mesmos profissionais. A edição de texto do livro de 1987 é feita unicamente por Maria Izabel Simões Gonçalves, enquanto que a de 1992, além desta profissional, conta mais um: Remberto Francisco Kuhnen. A edição de texto do livro de 1999 é feita pela Plural Assessoria, empresa contratada para realizar o processo de edição. Isso nos leva a crer que a produção de livros didáticos pelo mercado editorial, já no final dos anos 1990, passa a ter a exigência de serem cada vez mais velozes, utilizando, inclusive, empresas especializadas. Nesse sentido, o livro didático, enquanto documento/fonte, perde informações, pois a edição torna-se nominal e, portanto, impessoal. Não se sabe mais quais os profissionais responsáveis pelo trabalho que interfere diretamente na produção do autor.

A 6ª edição (1987) possui 24 capítulos, enquanto a 13ª (1992) 25. O acréscimo foi oriundo das novas questões referentes à História política brasileira, relativos aos Governos de José Sarney e Fernando Collor. Já a 20ª edição (1999) é organizada em Unidades – contendo 11 ao total – com 37 capítulos. Percebemos que alguns capítulos das edições anteriores (1987 e 1992) foram desmembrados em Unidades, que, por sua vez, foram divididas em outros tantos capítulos.

O conteúdo referente à Guerra do Paraguai, nas edições de 1987 e 1992, está no capítulo 14, intitulado *O Segundo Reinado (1840-1889)*, que trata de todo este período, com abordagens voltadas, sobretudo, às questões econômicas. O conteúdo de análise

está referenciado no 5º tópico do capítulo, com o título *O extermínio de um povo*. Esse título é bastante sugestivo e, de certa forma, já nos indica um pouco da perspectiva que o autor pretendeu abordar.

A edição de 1999, por sua vez, apresenta a referida temática na Unidade VI, intitulada *O Segundo Reinado (1840-1889)*, que vai do capítulo 15 ao 18. O conteúdo referente à Guerra do Paraguai está no capítulo 15, tópico 4, intitulando-se apenas *Guerra do Paraguai (1864-1870)*. Apesar dessas pequenas alterações, não temos significativa mudança no que se refere ao conteúdo da Guerra do Paraguai nessas três edições analisadas⁵.

Assim como as outras analisadas (1987 e 1992), a edição de 1999 conta com questões propostas para realização de atividades ao final de cada capítulo, um Glossário, explicitando conceitos fundamentais, algumas questões de vestibular e uma bibliografia básica, apresentada ao final do livro.

Nas edições de 1992 e 1999 têm-se ainda uma bibliografia de aprofundamento, com a indicação de livros paradidáticos da própria Editora Ática. Não podemos deixar de levar em consideração que isso se configura como uma apresentação das obras paradidáticas dessa editora, quer dizer, ultrapassa a questão de mera indicação bibliográfica para uma verdadeira propaganda dessas obras.

Piletti, em sua *apresentação* do livro (1992)⁶, expressa a seguinte preocupação básica que norteou sua obra: “aproximar-nos mais da História real do povo brasileiro – a História que geralmente não é contada pela versão oficial, a História construída pelo trabalho, pelas alegrias e pelos sofrimentos de um povo que tem direito a uma vida melhor”. Assim, segundo ele:

Pretendemos que o estudo da História vá além de mero acúmulo de informações, tornando-se uma contribuição importante para a transformação da realidade em que vivemos. Isso só será possível com a participação de cada brasileiro, de modo especial daqueles que têm o privilégio de freqüentar os bancos escolares (1992, p. 3).

5 Nas edições de 1987 e 1992, consta uma pintura da *Batalha do Riachuelo* de Vítor Meireles, uma tabela econômica extraída do livro *História Econômica do Brasil* de Caio Prado Júnior e uma citação da obra *O Continente*, de Êrico Veríssimo. **O conteúdo propriamente dito é estudado em apenas seis parágrafos.** A edição de 1999 continua apresentando a tabela econômica extraída da obra do historiador Caio Prado Júnior, assim como a citação de Veríssimo, acrescida de uma foto de Francisco Solano López. Essa última edição ainda conta com um mapa colorido (p. 161), indicando as principais batalhas da Guerra, uma citação de Milton Nascimento e Fernand Brant, intitulada *Guerra suja*, e uma foto de militares, cuja legenda não indica se são de brasileiros ou paraguaios (p.162). A pintura *Batalha do Riachuelo*, de Vítor Meireles, que consta nas outras edições, não está na de 1999. As fotos e as imagens foram utilizadas de forma simplesmente ilustrativa, sem informações adicionais consistentes ou mesmo problematizações acerca das mesmas. Não há informação também, sobretudo no caso das imagens da edição de 1999, os créditos e/ou fontes de onde foram obtidas.

6 A *apresentação* da edição de 1992 é praticamente idêntica a de 1987. Contudo, por uma questão de organização, sempre que nos referirmos à *apresentação*, utilizamos a edição de 1992 como referência. A 20ª edição (1999) não tem *apresentação*.

Observada a capa da edição de 1987, que passa a impressão da velha História presidencial, percebemos certa contradição com essa proposta inicial apresentada pelo autor. Contudo, a capa da edição de 1992, parece estar em maior consonância com a proposta comunicada, pois passa a impressão, já à primeira vista, que o autor intencionou construir uma *História contra-oficial (a contrapelo)*. Entretanto, a capa do livro é apenas um indício, que pode ou não sintetizar/resumir/caracterizar a obra como um todo, ou mesmo parte dela.

Tendo em vista que as três edições analisadas não apresentaram diferenças no que se refere à abordagem/interpretação do conteúdo estudado, apresentamos a seguir, portanto, uma análise única, para todas as edições selecionadas, das interpretações do autor sobre a temática. Utilizamos, por uma questão de organização, citações/referências da última edição analisada (20ª edição, 1999).

O professor Nelson Piletti inicia o conteúdo referente à Guerra do Paraguai afirmando que os países que participaram da Tríplice Aliança foram financiados pela Inglaterra. A partir de então percebemos que, já no primeiro parágrafo, o autor intenciona deixar clara a sua posição sobre o evento, quer dizer, mostrar a relevância da interferência britânica no conflito.

Piletti adota a perspectiva em que põe o Paraguai como uma exceção na América Latina no que se refere à dominação capitalista da então maior potência mundial, a Grã-Bretanha. O país guarani seria, nessa perspectiva, o único Estado latino-americano a estar livre do colonialismo imposto pelas potências europeias. Os motivos desta distinção, segundo Piletti, são:

- ✍ A valorização de uma produção agrícola diversificada;
- ✍ A instalação de fábricas de armas e pólvoras;
- ✍ A organização de flotilhas de barcos;
- ✍ Mas, sobretudo, tal distinção se daria por propiciar trabalho a todo o povo paraguaio através da transformação de propriedades rurais improdutivas em fazendas estatais.

O Paraguai, ou antes, sua independência, representava, na análise de Piletti, um prejuízo, um problema àqueles que, na Inglaterra, aumentavam a produção industrial e, assim, necessitavam de mais mercados consumidores para seus produtos.

Contudo, é importante ressaltar que o autor não atribui, como causa da Guerra do Paraguai, a iniciativa britânica exclusivamente. Piletti destaca também os interesses dos brasileiros e argentinos nessa quebra da autonomia paraguaia, pois tinham aspirações, sobretudo, em algumas áreas do território Guarani. Nesse sentido, não somente o Governo da Inglaterra, mas também o Império brasileiro e a República da Argentina apresentaram características imperialistas que se configuraram como fator determinante do conflito.

Como os governos da Grã-Bretanha, do Brasil e da Argentina apresentavam interesses em comum, ou seja, subjugar o Paraguai, só “faltava, portanto, apenas um pretexto para que a guerra fosse iniciada” (p. 161). Segundo Piletti:

Esse pretexto ocorreu a 24 de novembro de 1864, quando Solano López rompeu relações com o Brasil, apresou o navio brasileiro Marquês de Olinda e invadiu o Mato Grosso, tentando estabelecer soberania sobre a região do Rio Paraguai (p. 161).

Conforme o autor, como já se intencionava a “destruição e partilha do Paraguai” (p. 162), a Tríplice Aliança já estava estabelecida um ano antes da guerra começar. Por isso, conforme nos informa Piletti, esse tratado “recebeu protestos dos Estados Unidos e de vários outros países da região, como Bolívia, Equador, Colômbia, Peru e Chile” (p. 162).

O professor Nelson Piletti não ingressa nas questões diplomáticas do pré-guerra, nem tampouco nas nuances do conflito. Também não contextualiza os países envolvidos. Não aborda as questões internas do Paraguai, como as administrações de Francia, Carlos Antônio e Solano López, responsáveis pela suposta independência paraguaia.

Após apresentar as causas do conflito, o autor explana acerca de suas consequências para os países envolvidos, sobretudo o Paraguai. As porcentagens da guerra, ao seu término, são apresentadas. Segundo Piletti, 75,75% da população paraguaia foi dizimada. Assim, segundo o autor, dos 800.000 habitantes restaram apenas 194.000.

Uma questão a ser destacada é que o autor não especifica de onde retirou tais porcentagens, não permitindo aos leitores saber qual fonte o pesquisador utilizou para fazer tal afirmação, nem se existem outras pesquisas e/ou fontes que confrontem tais números. Contudo, acreditamos que os dados expostos pelo autor foram obtidos, provavelmente, do livro *Genocídio Americano*, de Chiavenatto, onde consta no capítulo XIV, intitulado “O genocídio está feito: 75,75% do povo paraguaio estão mortos” (CHIAVENATTO, 1983, p. 149-151), as porcentagens das perdas humanas paraguaias⁷.

Tal perspectiva, de certa maneira, reforça o caráter autoritário do livro didático como o detentor da verdade e, portanto, inquestionável, não necessitando, inclusive, apresentar as fontes e, nem mesmo, relativizar as informações que veicula.

Contudo, segundo o autor, o livro não está fincado ao passado, sendo este “estudado em suas ligações com o presente”, em que procurou, “em cada capítulo da História, descobrir como o assunto analisado se apresenta hoje” (1992, p. 3). Quer dizer, como as mais recentes pesquisas historiográficas analisam a temática em foco.

7 É preciso que destaquemos que tais porcentagens são exageradamente altas. Mesmo tendo em vista a violência do conflito e truculência dos exércitos aliados, é difícil acreditarmos que 96,50% de toda população masculina do Paraguai tenha perecido nesta guerra. Tornou-se lugar-comum afirmar que, após o conflito, o Paraguai se constituiu em *um país de mulheres, crianças e idosos*. Contudo, por mais verdadeira que essa afirmação seja, tal porcentagem parece fugir à realidade, além de, em termos documentais, não se ter como precisar a população paraguaia antes da guerra e, nem mesmo, afirmar com exatidão quantos pereceram neste conflito. Bethell (1995a), acerca do assunto, afirma que a Guerra do Paraguai “consumiu cerca de 300 mil vidas (embora, à luz da pesquisa moderna, o número de 200 mil ou até 150 mil vidas possa ser considerado uma estimativa mais razoável)” (p. 12).

No entanto, não percebemos mudanças na formulação do texto e interpretação, tendo em vista a renovação historiográfica sobre o tema. Não foram incorporadas ao livro (1999) as obras e discussões que estavam ocorrendo em nível de produção acadêmica. Na bibliografia, ao final da 20ª edição (1999), não consta nenhuma nova referência em relação ao conteúdo analisado.

Entretanto, ao que concerne especificamente a utilização e tratamento dado às fontes históricas na feitura de sua obra didática, diz o autor:

São numerosas as fontes e quanto mais diversas, melhor. Existem as fontes que informam sobre o conteúdo, sobre os fatos em si, e existem as fontes interpretativas dos fatos ou, melhor, mais claramente interpretativas, porque as primeiras também não deixam de ser interpretativas, apesar de sua frequente pretensão de objetividade e neutralidade. **Quanto a isso, utilizei muito interpretações diferentes dos mesmos fatos**, gerando discussão que produz a construção do conhecimento pelo próprio aluno (PILETTI. Entrevista concedida pelo autor em 18 de fevereiro de 2011) (Grifos nossos).

A literatura mais utilizada [em minhas obras didáticas] é a resultante de pesquisas históricas desenvolvidas por órgãos especializados, universidades, etc. Mas também utilizo textos literários, romances, peças teatrais, etc., que permitem penetrar mais nos acontecimentos, captar as emoções, os sentimentos dos personagens históricos e, portanto, podem ajudar a despertar o interesse dos alunos (Idem).

Em relação ao tratamento pertinente às questões historiográficas em seus livros escolares de História, afirma:

Procuro dar guarida aos conflitos historiográficos, dando voz às diversas visões e interpretações, sem assumir claramente, explicitamente, uma posição historiográfica, sem fazer uma profissão de fé ideológica, embora entenda que minhas convicções perpassem o texto, que está longe de pretender a neutralidade (Idem) (Grifos nossos).

Apesar do autor, nessas citações, afirmar que o seu livro didático de História se pauta no emprego das mais variadas interpretações de um mesmo evento, possibilitando a tomada de posição dos alunos e a produção de conhecimento, não percebemos, pelo menos no que se refere ao conteúdo analisado, tal perspectiva/preocupação.

Piletti, na *apresentação* do livro, ao “agradecer antecipadamente as críticas e sugestões de professores e alunos”, afirmando que “elas certamente contribuirão para o aperfeiçoamento constante deste livro” (1992, p. 3), entende que o mesmo deve ser fruto de um processo de construção, inserindo seus leitores, quer dizer, professores e alunos, como significativos agentes desse processo.

Ao falar sobre a sua efetiva participação nas reedições de seus textos escolares,

em particular da obra *História do Brasil*, o professor Piletti afirma:

A participação na reformulação dos livros tem sido de fato efetiva, especialmente o que diz respeito ao conteúdo, ficando os aspectos técnicos (diagramação, pesquisa iconográfica, etc.) a cargo da editora. No caso de *História do Brasil*, tive efetiva participação em todas as suas versões (PILETTI. Entrevista concedida pelo autor em 18 de fevereiro de 2011).

Piletti afirma ter participado efetivamente de todas as edições do livro em análise. Contudo, indica que suas participações nessas reformulações se concentraram nos conteúdos, ficando, ao que parece, todos os outros aspectos referentes a composição dos livros escolares – como pesquisa iconográfica, exercícios, atividades complementares, por exemplo – nas mãos de outros atores que, juntamente ao autor dos livros didáticos, constroem esse instrumento escolar. Assim como o Décio Gatti Jr. (2004; 2005) afirma, o processo de produção dos livros escolares passa a ter, cada vez mais, a participação de outros personagens, quer dizer, de profissionais e/ou empresas especializadas contratados pelas editoras.

Reafirmamos, contudo, que o manual escolar não é somente o texto em si, mas todo o conjunto de recursos nele contidos, como fotos, imagens, mapas, exercícios e sugestões de atividades, boxes diversos e etc. Nesse sentido, a atuação desses profissionais contratados pelas editoras, e, sobretudo a utilização de empresas especializadas, devem sempre ser problematizadas.

Dando continuidade a abordagem sobre a Guerra do Paraguai, especificamente sobre as consequências da mesma apresentadas pelo professor Piletti, o autor disserta sobre os trágicos efeitos que ela trouxera ao povo guarani, pois, terminado o conflito, as propriedades paraguaias “foram vendidas a estrangeiros, que passaram a cobrar taxas para que os camponeses, seus antigos proprietários, pudessem trabalhar” (p. 162).

Segundo o autor, o país britânico, utilizando-se do Império do Brasil e da República Argentina, conseguiu seu intento: “manter seu domínio econômico por toda a região” (p. 162). Os Estados brasileiro e argentino, segundo Piletti, conseguiram o que almejavam: “uns minguados quilômetros quadrados de território” (p. 162). Contudo, destaca, tornaram-se mais dependentes ainda do capital inglês.

Para comprovar a dependência econômica do Brasil em relação à Inglaterra após o conflito, o autor utiliza uma tabela de empréstimos do governo britânico ao brasileiro (p.162). Dessa vez, Piletti nos indica a fonte/literatura utilizada: *História Econômica do Brasil*, de Caio Prado Júnior, conhecido e respeitado historiador marxista.

O autor termina seu último parágrafo em relação à Guerra do Paraguai afirmando que, durante o conflito, o Brasil esteve com sua balança comercial sempre deficitária. Novamente utiliza numerações, agora da “soma dos déficits dos orçamentos” (p. 162), sem indicar de qual fonte ou literatura retirou tais informações.

Percebemos, ao findar nossas apreciações das edições em destaque, que as análises do autor compõem-se, sobretudo, através do binômio causas-consequências, com preponderâncias das questões econômicas. Como indicamos anteriormente, não houve, basicamente, alterações no conteúdo da Guerra do Paraguai nas três edições analisadas, o que quer dizer que não houve a incorporação das novas discussões acadêmicas em torno da temática⁸, como por exemplo, as obras de Doratioto (1991; 1996)⁹, sendo apresentada uma visão única do conflito. Isso não quer dizer, contudo, que a obra do autor em destaque, nos mais diferentes conteúdos que aborda, não tenha tratado de conflitos historiográficos e, portanto, apresentado novas e diferenciadas possibilidades interpretativas em relação a alguma temática específica. Nossa análise se deu em torno do conteúdo referente a Guerra do Paraguai e todas as nossas conclusões foram em torno deste conteúdo específico, não podendo, portanto, ser feitas afirmações generalizadas em torno de toda a obra didática pesquisada, nem essa era a nossa intenção.

8 É preciso que ressaltemos, contudo, que a edição de 1987 do livro de Piletti estava atualizada com o que se estava discutindo acerca do conflito, pois a obra de Chiavenatto, *Genocídio Americano*, cuja primeira edição é de 1979, é um dos principais livros acerca da temática que circularam no Brasil na década de 1980. Quer dizer, não podemos afirmar que o autor, pelo menos na edição analisada da década de 1980, não estava atento ao que se estava produzindo em nível mais amplo e de ter incorporado isso ao seu livro didático.

9 As obras de Doratioto fazem parte da chamada *corrente neorrevisionista* sobre a Guerra do Paraguai, que ganhou espaço, sobretudo na década de 1990 no Brasil. As obras de Chiavenatto fazem parte da *corrente revisionista* sobre a Guerra – que contestou a historiografia tradicional do conflito, ligada, sobretudo as narrativas memorialísticas de ex-combatentes da Guerra – e que ganhou espaço no Brasil no final da década de 1970 e nos anos de 1980.

Abaixo segue um quadro esquemático das edições analisadas:

Quadro 1 – Livros didáticos, citações, recursos gráficos e referencial teórico.

Livros Didáticos	Citações Utilizadas	Recursos Gráficos utilizados para tratar da Temática	Referência Teórica
<p>HISTÓRIA DO BRASIL NELSON PILETTI (EDIÇÕES DE 1987 E 1992)</p>	<p>1. História Econômica do Brasil (Caio Prado Júnior) 2. O Continente (Érico Veríssimo) OBS: A indicação de Chiavenatto (<i>G e n o c í d i o Americano</i>) é feita ao final do livro, na bibliografia, e não no capítulo referente à temática.</p>	<p>Apenas uma pintura de Vítor Meireles, que retrata A Batalha do Riachuelo.</p>	<p>José Júlio Chiavenatto</p>
<p>HISTÓRIA DO BRASIL NELSON PILETTI EDIÇÃO DE 1999</p>	<p>1. História Econômica do Brasil (Caio Prado Júnior) 2. O Continente (Érico Veríssimo) 3. Guerra suja (Milton Nascimento e Fernando Brant) OBS: A indicação de Chiavenatto (<i>G e n o c í d i o Americano</i>) é feita ao final do livro, na bibliografia, e não no capítulo referente à temática.</p>	<p>1. Mapa colorido, indicando as principais Batalhas da Guerra. 2. Fotos de soldados sem indicação de créditos. 3. Foto de Solano López.</p>	<p>José Júlio Chiavenatto Genocídio Americano OBS: Não percebemos mudanças na formulação do texto e interpretação, tendo em vista a renovação historiográfica sobre o tema. O autor não incorporou nesta edição as obras e discussões que estavam ocorrendo em nível de produção acadêmica</p>

REFERÊNCIAS

Fontes e Documentos

Entrevista

PILETTI, Nelson. Entrevista concedida a André Mendes Salles. 18 de fevereiro de 2011.

Livros Didáticos

PILETTI, Nelson. História do Brasil. São Paulo: Ática, 1987.

_____. História do Brasil. São Paulo: Ática, 1992.

_____. História do Brasil. São Paulo: Ática, 1999.

Bibliografia

BETHELL, Leslie. A Guerra do Paraguai: História e historiografia. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 11-26.

CHIAVENATTO, Júlio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 18ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

DORATIOTO, Francisco. *A Guerra do Paraguai; 2a. visão*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *O conflito com o Paraguai*. São Paulo: Atica, 1996.

GATTI Jr., Décio. *A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*. Bauru, SP: EDUSC; Uberlândia, MG: EDUFU, 2004.

_____. Estado e editoras privadas no Brasil: o papel e o perfil dos editores de livros didáticos (1970-1990). *Cadernos CEDES*, Campinas, v.25, n.67, set./dez. 2005, p.365-377.